

## ENTOMOLOGIA PITORESCA II: OS INSETOS NAS CRENÇAS, SUPERSTIÇÕES E MEDICINA POPULAR. ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

HITOSHI NOMURA

Professor aposentado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo (nomura33@terra.com.br)

**(Entomologia pitoresca II: os insetos nas crenças, superstições e medicina popular. Análise bibliográfica)** – Nesta segunda contribuição, disponibilizam-se informações encontradas em livros de cronistas, viajantes e naturalistas que escreveram sobre o país. Alguns dados originais foram inseridos no texto e são citadas algumas fontes estrangeiras apenas a título de comparação.

**Palavras-chave:** Insetos, superstição, entomofagia, entomoterapia.

**(Picturesque entomology II: insects in beliefs, superstitions and folk medicine. A bibliographic analysis)** – In this second contribution we bring information on insects found on the books written by chroniclers, travellers and naturalists who visited Brazil to the readers. Some original data were inserted in the text, together with foreign sources only for comparison purposes.

**Key words:** Insects, superstitions, entomophagy, entomotherapy.

### INTRODUÇÃO

Em um artigo anterior, NOMURA (2006) registrou curiosas observações biológicas e folclóricas feitas por diversos autores sobre as espécies de insetos das ordens Ephemera, Odonata, Orthoptera, Phasmatodea, Dermaptera, Dictyoptera, Mantodea e Isoptera. No presente artigo, o autor estuda mais algumas ordens de insetos (Corrodentia, Mallophaga, Anoplura, Hemiptera, Suctoria, Lepidoptera e Coleoptera), reproduzindo as observações feitas por cronistas, historiadores, viajantes e naturalistas sobre as crenças, superstições e usos de insetos em diversas partes do mundo, com ênfase no Brasil.

As observações sobre os insetos visam principalmente servir de subsídios aos estudiosos da etnoentomologia com dados antigos, difíceis de serem obtidos e/ou localizados. Alguns insetos mereceram textos mais extensos, visto que servem como alimento e como recursos medicinais. Como registra COSTA NETO (2005), o uso de insetos e dos produtos deles derivados na medicina popular é muito antigo.

Em um próximo artigo (submetido), o autor tratará das ordens Hymenoptera, Strepsiptera e Diptera.

### ORDEM CORRODENTIA

O termo Corrodentia é latino e significa que corrói (*corrodens*). A ordem é representada por insetos pequenos, de até 15 mm de comprimento.

As espécies européias *Troctes divinatorius* e *Trogium pulsatorium* se espalharam pelo mundo e, na Europa, são conhecidas como relógio-da-morte. Informa COSTA LIMA (1939, 1:340): “Aliás, a primeira espécie recebeu o nome científico *divinatorium*, correspondente àquele nome vulgar, por se acreditar que, à noite, produzisse ruídos ritmados, como o tic-tac de um relógio, interpretados

pelos supersticiosos como aviso de morte próxima de qualquer pessoa da casa”. Supõe-se que esses ruídos são provocados pelos apelos sexuais da fêmea.

SANTOS (1961a:108) deu-lhe o nome vulgar de piolho-do-livro, freqüentador das bibliotecas, onde se alimenta da goma das encadernações. Esse autor notou os graves prejuízos que ele causa aos amadores de borboletas e outros insetos, roendo os exemplares colecionados, sem respeitar sequer as raridades valiosas.

### ORDEM MALLOPHAGA

O termo é de origem grega e significa comedor (*phagos*) de pêlos (*mallos*). A ordem é representada por insetos que vivem como ectoparasitas nas penas das aves e nos pêlos dos mamíferos. Medem menos de 1 cm de comprimento, havendo espécies pilívoras, que se alimentam das escamas epidérmicas e dos pêlos dos mamíferos, e penívoras, que aproveitam as partes epidérmicas retiradas das penas das aves. Segundo COSTA LIMA (1939, 1:361): “As galinhas, quando muito empiohadas, mostram-se inquietas e, alimentando-se mal, perdem peso, ficando sempre mais ou menos depauperadas. Daí também baixar consideravelmente a produção de ovos. As aves mais atacadas procuram livrar-se da bicharia, catando-se ou espojando-se na terra, ato que, empoeirando as penas, determina a asfixia dos malófagos que nelas se acham”.

À praga de galinha dá-se o nome de imundice (PEIXOTO, 1944:53): “Piolho de galinha – sevandija que aflige os sertanejos, como os carrapatos riduleiros e outras imundices, contra as quais usa decocto de fumo e fórmulas; benzem-se ao entrar nos poleiros ou no mato, batendo-se com um galho de erva, três vezes. O nome não é decente pronunciar-se, porque atrai a imundície” (PEIXOTO, 1944:56). O combate é feito jogando-se punhados de areia nos cantos da casa e dizendo: ‘Mais areia que imundície’ (STUDART,

1910:35; PEIXOTO, 1944:35; CASCUDO, 1971:349).

O povo dá os nomes de praga, mundaça ou imundice ao piolho que ataca animais (SÃO PAULO, 1936, 2:212). Em Alagoas é aplicado o nome de nenem-de-galinha (SANTIAGO, 1959:11): “Para acabar com o piolho das aves chamado ‘nenem-de-galinha’, amarra-se uma longa tira de pano numa vara comprida, que se finca no galinheiro. Os parasitos largam o hospedeiro, trepam pelo pau, pegam-se à bandeirola e o vento os dispersa”.

### ORDEM ANOPLURA

O termo é de origem grega e significa cauda (*oura*) inerme (*anoplos*). A ordem é representada pelos piolhos que sugam o sangue dos mamíferos. Medem no máximo 6 mm de comprimento e não possuem asas. Lêndea é o nome que se dá ao ovo do piolho, que fica aderido à base do cabelo. A eclosão ocorre no sexto dia, e doze dias depois já é um adulto.

O piolho que infesta o homem é o *Pediculus humanus*. Antigamente, entretanto, os especialistas admitiam a existência do piolho da cabeça, *Pediculus capitis*, e o do corpo, *Pediculus corporis*. Esses dois tipos cruzam entre si, sem mostrar qualquer redução da fertilidade. Prevalece, em sistemática zoológica, o nome mais antigo, o primeiro acima citado. O piolho pubiano, *Phthirus pubis*, é conhecido pelo nome de chato.

Um fato curioso é contado por CARRERA (1964a:6): “Havia na vila de Hurdenburg, na Suécia, há muitos anos, um sistema sumamente pitoresco para a eleição do prefeito. Condição indispensável para disputar o pleito era a de possuir o candidato barba bastante longa, requisito sem o qual jamais conseguiria eleger-se. O sistema nada tinha de complicado. Sentavam-se os candidatos ao redor de uma mesa, pondo sobre esta suas barbas: no centro da mesa alguém colocava um piolho que, naturalmente, não se sentiria à vontade naquela ‘planície’ e dali procuraria safar-se, andando em alguma direção. O candidato em cuja barba o inseto se abrigasse seria por um ano o burgomestre de Hurdenburg”.

O mesmo CARRERA (1964a:6) escreve: “Segundo crença muito antiga, a abundância destes insetos no corpo de uma pessoa seria sinal de santidade”.

O piolho dos animais também recebe nomes de praga, mundaça, imundice, pioio (SÃO PAULO, 1936, 2:212). Muquirana é o nome aplicado ao piolho que se encontra nas vestes, que os Tapirapé chamam de *Inimákyrynga* (BALDUS, 1970:223) e, na língua geral, *Kiyua-rana* (STRADELLI, 1929:505). Escreve este último (p. 505): “Piolho, o do branco, que na realidade é diverso daquele do caboclo, como tenho tido ocasião de verificar depois de me ter sido chamada a atenção sobre o fato pelo próprio indígena. O piolho do indígena é mais corpulento, de cor mais escura e como que munido de uma série de palpos com que se segura”. Escreve BALDUS (1970:223): “É maior que o piolho-da-cabeça, e me atacou dolorosamente, ao passo que nunca tive qualquer dos inúmeros piolhos-de-cabeça dos

Tapirapé, apesar de ter-lhes oferecido muitas oportunidades de transmigração. Os habitantes de Tempiitaua comiam o piolho da rede, quando o pegavam em flagrante”. Sobre o piolho-da-cabeça, chamado *Kyva* pelos Tapirapé, explica BALDUS (1970:223): “Come-se estes parasitas catando-se das pessoas queridas. Aliás, devido ao fato desse inseto estar sempre relacionado com determinada pessoa, ouvi o designativo tapirapé somente em ligação com o possessivo, isto é, *chekyva*: meu piolho; *anekyva*: teu piolho; *ikyva*: seu piolho. Não vi os Xerente e Kaingang comerem piolhos da cabeça”. ROQUETTE PINTO (1950:229) observou que os Nhambiquara comem piolhos.

O naturalista inglês WALLACE (1854:244) escreveu que os índios sul-americanos comem uma espécie de *Pediculus* mais “como uma gulodice do que um artigo alimentar”. Ele informou o método de capturá-la e devorá-la: “Um casal de índios dedicará meia hora do seu tempo livre para pesquisa entomológica recíproca nas suas vestes, sendo a presa imediatamente transferida com muito gosto para o operador”.

CARVALHO (1951:13) observou que “O piolho humano (*P. capitis*) existe entre os índios do Alto Xingu, sendo todavia muito catado, fato esse que constitui uma rotina normal na vida indígena. Geralmente as lêndea ou piolhos encontrados são mortos por compressão entre os dentes, porém não deglutidos. O mesmo processo de destruição é aplicado aos carrapatos retirados do corpo das pessoas”.

### Como eliminar piolhos

A eliminação do piolho do corpo humano e das roupas pode ser feita da seguinte maneira (SANTOS, 1961a:116): “Indo a uma excursão pelas cercanias de Melun, aquele autor viu de repente, diante de si, um velho que, inteiramente nu, sentado sobre um tronco, fumava placidamente seu cachimbo. Ao ser interrogado, o estranho filósofo, que era um destes pobres diabos que vivem ao Deus dará pelas estradas da França, informou que suas vestes estavam infestadas de muquiranas (*Pediculus humanus corporis*) e que as confiara aos cuidados de um formigueiro de ali perto (*Formica fusca*), acrescentando textualmente: ‘Acabo de confiar a fatiota e outras peças miúdas da minha indumentária a um laboratório que vale mais do que o da cidade que permite, em lugar de ser encerrado numa sala fria e mal iluminada, esperar esse expurgo ao ar livre, aquecido por esse sol magnânimo, pai generoso de todas as alegrias da vida’. Realmente, poucos minutos depois, quando já não havia formiga nas vestes, prova que estava terminado o serviço, sacudiu a roupa para se livrar de uma ou outra formiga retardatária e vestiu-se, louvando a presteza, perfeição e barateza daquele expurgo”.

Em Piaçabuçu, AL, ARAÚJO (1977:140) observou: “Comum é a catação de piolhos da cabeça das crianças. Poucos usam pente-fino, os meios de transmissão continuam. Dizem que ‘Pobreza e piolhos andam juntos’. Ainda é muito disseminado o hábito de catar piolhos. Sábado à tarde, as mães sentam-se em esteiras de pipiriri na frente da casa,

colocam seus filhos com a cabeça reclinada em seus regaços e iniciam a catação de lêndeas e piolhos, estalando-os nos dedos. Não confundir catação com o delicioso cafuné. Como há muitos cachaceiros, ouvimos Pedro de Castro proferir o seguinte refrão: ‘Cachaceiro, piolhento e sujo são três pessoas em uma só’”. Para propiciar a queda de piolhos (*P. capitis*) e chatos (*P. pubis*), usa-se frasco pequeno com mercúrio (ARAÚJO, 1977:56).

Para se livrar dos piolhos, na capital paulista, LIMA registrou (1952:20-21): “[...] tira-se da cabeça, colocando-os numa caixa de fósforos e jogando-a numa encruzilhada”. Para se livrar das lêndeas, deve-se “untar o couro cabeludo, à noite, com petróleo e azeite doce (partes iguais) e lavar de manhã com sabão e água morna” (IHERING, 1940:465). No Nordeste, “Para destruir os piolhos na cabeça das pessoas: óleo de coco misturado com a amêndoa da semente da ata (pinha)” (CAMPOS, 1967:93). O óleo do fruto da andiroba, *Carapa guyanensis*, é usado em fricções contra o reumatismo e emunturas contra os piolhos da cabeça e do púbis (ROCHA, 1947:19). O povo costuma lavar a cabeça com suco de limão para combater a caspa, e essa lavagem também serve para eliminar piolhos (LENKO, 1959:14).

### Piolhos na linguagem

CASCUDO (1977:85) registra a locução “A mulher do piolho”, informando que a fonte mais antiga é de 1240: “A mulher diz ter encontrado um piolho no cabelo do marido e este nega. Discussão, luta, arrebatamento. O esposo atira-a a um poço, de onde a teimosa, apenas com as mãos fora d’água, junta os polegares, fingindo esmagar o parasito”. Há ainda a locução ‘Piolho de cu’, que significa pessoa impertinente, insuportável; ‘mulher do piolho’, que tem o mesmo significado anterior; ‘mata-piolhos’, que se refere ao dedo polegar” (MOTA, 1969:196). MENDES (1942:69) define muquirana, “por extensão, o indivíduo agarrado, mesquinho. O mesmo que muquirã: ‘Ela é muquirana, dali não sai nada’”.

### Outras crendices sobre piolhos

“Menino que baba deve ter a baba cortada com tesoura. Se não parar de babar, pode correr a cabeça que é piolho na certa” (VIANA, 1969:86).

O povo diz que “Contar os piolhos que se tiram da cabeça aumenta-lhes o número” (STUDART, 1910; PEIXOTO, 1944:27).

Em Mogi das Cruzes, SP, acredita-se que “O primeiro piolho que se encontra na cabeça de uma criança tem grande influência no seu futuro: se matar esse piolho sobre um objeto qualquer, este objeto indica a profissão da criança” (BRANDÃO, 1959:75).

Na Amazônia a lêndea é conhecida pelo nome de quirana: “Aquela menina da comadre Josefa está cheio de ‘quirana’, quase piroca” (MENDES, 1942:81).

Uma adivinha que corre em Piaçabuçu, AL, é a seguinte: “Qual o bicho que caminha com os pés na cabeça? O piolho” (ARAÚJO, 1962:275).

## Os piolhos na medicina popular

Na velha obra de LESSER (1742, 2:186-187), lê-se: “Quem não sentir repugnância de comer piolhos poderá se servir deles como específico contra a icterícia. Deve-se engolir nove piolhos de cada vez. Eles também servem contra a febre quartã. Durante o acesso febril deve-se ingerir quatro a cinco desses animais, mais ou menos, dependendo de serem grandes ou pequenos. Estes insetos sugam os maus humores do corpo das crianças”. P. Lyonnet, em nota à página 186 dessa obra, diz que não se deve abusar desse remédio, pois ele foi fatal a um rapaz. Durante a autópsia foi encontrada uma grande quantidade de piolhos no seu estômago.

Para icterícia usa-se a seguinte receita em Pirassununga, SP (VANIN, 1977:33): “Num ovo mole e esquentado, colocar 3 piolhos de gente e dar à pessoa atacada”. Para acabar com o vício da pinga, recomenda-se “piolho de corpo ou pele de moela de galinha na pinga” (idem, p. 44).

## ORDEM HEMIPTERA

### Subordem Heteroptera

O termo é de origem grega significando diferente (*hetero*) e asa (*pteron*). Nesta subordem se encontram os percevejos e baratas-d’água. Algumas espécies são importantes na medicina por serem sugadoras do sangue das aves e dos mamíferos, transmitindo vetores de doenças. Muitas espécies de Reduviidae, que o povo conhece pelos nomes de barbeiros, transmitem o protozoário *Trypanosoma cruzi*, que provoca a doença de Chagas. Na América do Sul, 70 milhões de pessoas sofrem dessa doença (LENT & WYGODZINSKY, 1979:129). As espécies mais conhecidas são *Triatoma infestans*, *Rhodnius prolixus* e *Panstrongylus megistus*.

Os percevejos da cama, da família Cimicidae, também apresentam importância médica. Além dos danos provocados pelas picadas, transmitem agentes patogênicos. A espécie *Cimex hemipterus* vive de 3 a 8 meses. Dizem, no México, que nós brasileiros chamamos este inseto de “fiera de alcoba” (NAVARRO DE ANDRADE, 1927:136). Na língua inglesa é ele designado com as palavras “bed bug” – “bug” vem do celta e significa espectro, coisa que dá medo, sentido com o qual foi este vocábulo empregado por Shakespeare várias vezes. Mas por que teriam os ingleses aliado o percevejo de cama à idéia sugerida pela palavra “bug”? Provavelmente porque, lembrando suas picadas, consideraram-no o “terror da noite”.

CARVALHO (1951:14) menciona uma dança e cantiga baseadas nos percevejos da família Gerridae entre os Guaiá: “É uma cantiga bastante melodiosa, cuja letra é a seguinte: *Bombororosseti* (gerrídeo), *uái-poto-to-ti*, e *crócacórará*, *oh ah oh ah, ôôô*. A repetição de cantigas é comum entre eles, bem como a simplicidade de suas letras”.

Segundo LESSER (1742, 2:187), “Os percevejos, queimados e reduzidos a pó, expulsam as fezes retidas”.

Comentando a obra desse autor, CARRERA (1955:639) escreve: “Eis uma receita de Dioscórides, médico grego do século primeiro: para a cura da febre quartã deve-se comer este percevejo juntamente com favas antes dos acessos febris; os percevejos, ingeridos sem as favas, curam mordidas de cobra”.

Segundo OLIVEIRA (1940:210), os implacáveis percevejos afligem as donas de casa: “Para que desapareçam por completo, incineram nos aposentos infestados um crânio de égua. Desejando-se transferi-los para a casa de algum vizinho basta atirar três exemplares na sua direção”.

MOTA (1969:189) registra a expressão popular “sangue de percevejo”, que significa azarento.

Algumas espécies de percevejos aquáticos e silvestres são comidos em certas partes do mundo (MELLO-LEITÃO, 1944:139).

### Subordem Homoptera

A palavra é de origem grega e significa *pteron* = asas e *homos* = iguais. Seus representantes variam desde tamanhos pequenos até alguns centímetros de comprimento, como as cigarras.

### As cigarras

Estes insetos pertencem à família Cicadidae, sendo conhecidos pelo seu canto que se ouve no verão. O som produzido é característico para cada espécie. Acredita-se que tenha a finalidade de atrair as fêmeas.

CARRERA (1963:5) menciona um antigo torneio de cítara: “Conta Estrabão, geógrafo grego do século I, as peripécias de um interessante torneio de cítara, que se travou em Delfos, no tempo da Magna Grécia, entre um citarista de Locres e outro de Régio, duas colônias gregas do extremo sul da península itálica. O vencedor desta pugna foi o representante de Locres, graças ao auxílio providencial que recebera de uma cigarra. Este inseto, penetrando no anfiteatro onde se realizava a prova, pousou sobre a cítara do concorrente vitorioso e se pôs a ‘cantar’; o seu ‘canto’ substituiu magnificamente o som de uma corda que se rompera naquele instrumento. Diz ainda Estrabão que, devido ao clima bastante úmido, a região onde se situava Régio vivia mergulhada em sombria bruma e, por isso, as cigarras jamais ali ‘cantavam’; mas, quando elas atravessavam o rio Halex, divisor daquelas duas colônias, punham-se a estridular em Locres, onde os dias eram quentes e cheios de sol”.

SANTOS (1961a:162) registra: “Uma das lendas mais conhecidas em relação às cigarras é que elas rebentam pelas costas de tanto cantar. Rahaia é o nome da cigarra em idioma cingalês e significa cem noites, originando-se da crença que estes insetos cantam durante tal tempo e após rebentam. A cousa parece explicável. As ninfas das cigarras, depois que saem do solo onde viveram anos fixadas às raízes das plantas, trepam nas árvores como vimos e aí ficam em repouso durante certo espaço de tempo. Depois o tegumento da região dorsal do tórax rompe-se e surge a cigarra adulta. A camisa da ninfa, a exúvia, como dizem os

entomologistas, fica por vezes aderida ao tronco em que ela repousava. Quem encontra tal invólucro, armadura de inseto, rachado pelo dorso, não tem dúvida de supor que são despojos mortais duma cigarra que rebentou de tanto cantar”.

Em Santa Catarina, a cigarra é um animalzinho amaldiçoado, pois carrega com tremenda praga (BOITEUX, 1957:25): “Aconteceu que estando a mãe dela gravemente doente e desacompanhada, mandou-lhe recado para que viesse fazer-lhe companhia e servir-lhe de enfermeira. A cigarra, muito foliona que era, não se condeou da pobre senhora e mandou dizer-lhe que não podia atendê-la, pois estava comprometida a cantar num baile. A mãe, diante da desumana resposta da filha ingrata, ajoelhou-se, pôs os olhos no céu e rogou-lhe terrível praga: ‘Deus permita que arrebenfes de tanto cantar’. E é por isso que a cigarra tanto se esbofa no cantar, que acaba rebentando pelas costas”.

Já dizia Esopo (*apud* MELLO-LEITÃO, 1944:50-51) que “Quando a formiga, que mourejava o tempo todo a encher os celeiros para o tempo do frio, lhe pergunta o que fizera durante a quadra estival, ela responde, com a despreocupação dos poetas e dos artistas: ‘Eu cantava e encantava os viajantes’”.

A expressão abaixo foi registrada por MOTA (1969:122): “Canta fino que só cigarra no verão: tem lábias, astúcias na conversa”.

### Usos das cigarras

MELLO-LEITÃO escreve (1944:50): “Como faziam os índios do Baixo Amazonas com o tananá, os chineses e gregos antigos engaiolavam cigarras para gozar-lhes o canto. Nas moedas gregas de Lecrios havia a efígie de um destes insetos. Usar cigarra de ouro nos cabelos era, entre os Atenienses, sinal de nobreza”.

No Nordeste, MAGALHÃES (1966:246) disse: “Um casulo de cigarra aposto ao pescoço das crianças, igualmente, evade o fastio, que tanta preocupação inspira às mães proletárias. A propósito da cigarra e fastio, encontro em *Acendalhas*, do erudito Alberto Faria, um capítulo sobre cigarras, em que se lê o seguinte passo: ‘Ateneu, sobre Aristófanes, refere no Banquete dos Sábios, I.IV, Cap. IV, que eles, para abrir o apetite, comiam cigarras, pecado de gula pelo bom Eliano reputado ultrajoso às musas’. Como se vê, o nosso povo supersticioso não come cigarras, mas se mune de amuletos de cigarra”.

A espécie *Huechis sanguinea* serve como diurético na China (GLIESCH, 1940:544).

### A jequitiranabóia

A espécie *Fulgora laternaria*, a popular jequitiranabóia, corruptela do termo indígena jaquiranambóia, ou seja, cigarra-cobra. Ela apresenta uma cabeça grande, que lembra uma casca de amendoim ou castanha de caju. Ainda hoje as jequitiranabóias são temidas pelos povos do interior, que julgam que a sua “picada” faz secar uma árvore ou matar um homem (COSTA NETO & PACHECO, 2003).

Quando lecionava Zoologia na Faculdade da USP de Ribeirão Preto, SP, recebi um exemplar de jequitiranabóia proveniente de Mato Grosso. Um senhor chamado Quelé, então com 70 anos de idade, informou-me, em 17 de julho de 1980, que conheceu uma cobra voadora que sugava e matava árvores.

Há muitos registros sobre sua fosforescência e crenças sobre o perigo de sua suposta “picada”. Entre 1817 e 1820, SPIX & MARTIUS (1938, 2:79) observaram que “Durante muito tempo se deu crédito à fábula do Lanterneiro (Fulgorídeo) que alumina com um apêndice na cabeça em forma de lanterna; recentes notícias não a confirmam, porém, de fato, observamos que os indígenas do Brasil se arreceiam desses bichinhos (gitirana-bóias), aliás inofensivos, considerando-os venenosos”. Segundo BURMEISTER (1952:115), que percorreu o sudeste do Brasil em meados do século XIX, “a emissão de luz citada por Mérian é erro ou mistificação”.

### Os afídeos

RONNA (1928:152) registrou que “as cochonilhas de várias espécies do Brasil fornecem, com os corpos das fêmeas, um apreciado carmim e entre elas o célebre *Pseudococcus cacti*, que teve períodos de grande comércio e até de vasta criação, especialmente no México”.

COSTA LIMA (1942, 3:215) informa que a espécie *Tachardiella ingae* secreta laca em abundância, de cor amarela. A substância produzida pela cochonilha se solidifica em contato com o ar e é usada na fabricação de vernizes. Essa laca é solúvel no álcool. No Ceará, foi encontrado um ramo revestido de *Ceroplastes psidii*, que o sertanejo chama de cera de pereiro. Dessa cera, fabrica-se vela natural ainda usada em algumas localidades do interior (COSTA LIMA, 1942, 3:198).

Na Europa do século XVIII, as cochonilhas provocavam a diurese, contendo bastante sal volátil. O pó desses insetos, misturado com açúcar, era também útil contra a cólica, o cálculo e o sarampo (LESSER, 1742, 2:190).

### ORDEM SUCTORIA

Esta ordem é também conhecida como Aphaniptera (do grego *aphanes* = oculto e *pteron* = asa) e Siphonaptera (do grego *siphon* = tubo e *apteron* = sem asas). É nesta ordem que se encontram as pulgas, insetos ápteros, dotados de pernas bem desenvolvidas. Em condições ambientais favoráveis, uma pulga desenvolve-se em duas semanas e sua larva se assemelha à de um díptero primitivo.

As pulgas procuram os animais de sangue quente para sugar-lhes o sangue. A espécie encontrada no homem é a *Pulex irritans*, da família Pulicidae. O bicho-do-pé é a *Tunga penetrans*, da família Hectopsyllidae. Nesta espécie a fêmea, após a fecundação, penetra na pele do animal parasitado.

No rato se encontram duas pulgas: *Nosopsyllus fasciatus*, a pulga européia, e *Xenopsylla cheopis*, a pulga

indiana. Esta é muito eficiente na transmissão do bacilo *Pasteurella pestis*, responsável pela peste, que matou milhões de pessoas na Europa da Idade Média. Há espécies de pulgas que servem como hospedeiros intermediários de um cestóide, *Dipylidium caninum*, de protozoários como *Trypanosoma leydii*, e do bacilo *Pasteurella tularensis*, causador da tularemia.

Verificou CARVALHO (1951:13) que são comuns as pulgas nas malocas dos índios: “As pulgas (*P. irritans*) existem nas aldeias, tornando-se verdadeiro flagelo por ocasião do abandono temporário das malocas, nas estações de pesca ou do preparo de mandioca. Visitamos uma dessas aldeias temporariamente abandonadas, e não nos foi possível permanecer ali durante muito tempo, tal o número de pulgas existentes dentro das malocas ou mesmo em torno delas”.

Os índios Xikrin, que vivem entre os rios Xingu e Tapajós, “comem crus certos invertebrados que apreciam: piolhos que catam nas cabeças dos esposos ou dos filhos, carrapatos quando estão cheios com o sangue da própria pessoa e também ‘pulgas’ ou os bichos-do-pé, que na ocasião de tirá-los, metem na boca. Todavia, come-se somente o corpo do bichinho, não a sacola de ovos que possui um gosto amargo, segundo declaração dos índios” (FRIKEL, 1968:101).

No Ceará, segundo Studart (*apud* CASCUDO, 1971:358), “para acabar com as pulgas de uma casa, vai-se à missa e diz-se: ‘Pulga, vamos para a missa’. Na volta da Igreja, deve-se entrar por outra parte da casa”.

Há uma anotação interessante feita por VANIN (1977:82) em Pirassununga, SP: “Afora utilidades sem conta que têm os cães, como guardas, tomar conta de rebanhos, arrastar trenós, localizar feridos em tempos de guerra e de paz, antigamente, diziam que uma delas era concentrar neles as pulgas, que nos atacariam, não fossem esses nossos amigos caninos”.

### As pulgas nas expressões populares

PEREIRA DA COSTA (1937:611) registrou as seguintes locuções populares: Andar com a pulga na orelha: prevenido, desconfiado; cada um tem o seu modo de matar pulga: o seu modo de entender, de agir, de fazer qualquer coisa; contente como cachorro com pulgas: alegre, satisfeito; um salto de pulga: lugar próximo.

MOTA (1969:204) recolheu os seguintes adágios: há muitas maneiras de matar a pulga; quem com cães se deita, com pulgas se levanta; quem dorme no quente, pulgas não sente. E em seguida, as expressões: pulga na orelha: desconfiança, suspeita, intuição; pulga de cós: insistente, paulificante; cada um tem o seu jeito de catar pulgas: cada um tem o seu jeito de resolver os casos; catar pulgas: procurar falhas insignificantes em trabalho bem feito; pulga na camisola: expressão equivalente a pulga na orelha; a um salto de pulga: em lugar bem próximo; salto de pulga: esperteza.

### Origem das pulgas

Conta CARRERA (1964c): “Curiosa crendice sobre a origem das pulgas é a daquele povo que vivia na encosta do Monte Sindshar, no Kurdistão. A arca de Noé, ao bater nas rochas perto do referido monte, sofrera tão séria avaria que Noé, temendo um naufrágio, aceitou o pacto proposto pela serpente, segundo o qual ela o livraria daquele perigo se ele promettesse, passado o dilúvio, comer carne humana. Para cumprir o trato a cobra se enrolou e obstruiu o rombo que o choque produzira na arca, encaixando-se nele. Serenada a chuva torrencial, quando todos os animais já haviam deixado o refúgio flutuante, exigiu o réptil que Noé cumprisse o prometido. O Patriarca, para resgatar seu compromisso, entendeu-se com o anjo Gabriel, cujas instruções seguiu à risca. Acendeu uma fogueira e orou, confiando às chamas a promessa que fizera: depois recolheu as cinzas, espargindo-as no ar. Imediatamente surgiram dali as pulgas e todos os insetos sugadores de sangue humano”.

### O bicho-do-pé

Este inseto é bem conhecido do povo interiorano, principalmente daquele que anda descalço. NEIVA (1940:230-240) tratou da origem do nome indígena tunga: “Hans Staden, ao publicar seu trabalho em 1557, ocupa-se no cap. XXXII, dos bichos de pé que ‘se chamam Attum na língua dos selvagens’ e diz que ao chegar pela primeira vez ao Brasil observou os estragos que o parasito ocasionava nos europeus. Tal fato deve ter ocorrido em 1548, quando Hans Staden aportou em Pernambuco e estava com o comandante Arto Koslio, pois assim estropiou o nome de Duarte Coelho”.

A referência que Gabriel Soares fez de o parasita atacar os primeiros povoadores, leva a remontar sua presença a tempo anterior ao registrado por Staden, pois o cronista luso se refere aos bichos de pés infestando europeus, que aqui aportaram, antes da chegada de Hans Staden. Tal registro deve referir-se aos colonos de Francisco Pereira Coutinho que, em dezembro de 1536, já se encontrava instalado na Bahia, nas proximidades do atual Farol da Barra, constituindo esta referência a mais antiga alusão à presença de *Tunga penetrans* no Brasil. Se o nome tupi desapareceu do falar brasileiro, fixou-se, no entanto, na nomenclatura científica, pois o gênero *Tunga* criado em 1838 por Jarocki prevaleceu, por ser o mais antigo.

Em 1578, LÉRY (1941:144) informava que “os nossos americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés e outras partes do corpo, em que esses vermes procuram aninhar-se, com certo óleo avermelhado e espesso tirado de um fruto, curoc, semelhante à castanha encascada. Aliás, esse unguento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia, o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo”.

O remédio usado pelos portugueses e indígenas no nordeste, em 1648 (PISO, 1948:42), era o de untar “as plantas e os dedos dos pés, é aquele muito cáustico óleo das glândulas, que nascem com as frutas das árvores Acaju.

Esse óleo é extraído das glândulas verdes e cruas; pois, amadurecidas, perdem a qualidade cáustica e antes servem de aliciar a gula, que de remédio a este mal. As lágrimas da árvore chamada Camacari, aplicadas ao mesmo mal, aproveitam”.

Frei VICENTE DO SALVADOR (1918:43) também registrou os bichos-dos-pés e o meio de eliminá-los, ainda no século XVII: “Quem sabe tirá-los inteiros sem lesões o faz com a ponta de um alfinete, mas quem não sabe rebentados e, ficando a pele dentro, cria matéria”.

Em 1685, Gabriel Dellon (*apud* TAUNAY, 1944:92) registrou o “vermezinho imperceptível” e afirmava que “uma grande permanência infecciona o lugar, provocando úlceras tão malignas que vulgarmente se encontram negros com os pés descarnados e os ossos expostos”.

Rodolfo Garcia, anotando a obra de BRANDÃO (1943:126-137), registrou que o inseto causa uma “gostosa comichão” quando penetra nos pés das pessoas. E m princípios do século XIX, também SPIX & MARTIUS (1938, 1:161) registraram a presença do bicho-do-pé, que deve ser extirpado logo, e o lugar afetado precisa ser esfregado com fumo.

No tempo da escravidão, segundo VIDAL (*apud* CARNEIRO, 1950:126), esse inseto era retirado com uma “faca de ponta ou rucega”, entupindo-se o buraco com rapé ou cal da parede ou esterco de boi em pó. (Até hoje se discute se esse inseto é autóctone do Brasil ou veio da África – consulte-se NEIVA, 1940:230-240.) Em Mogi das Cruzes, SP, usava-se cera de ouvido em buraco deixado pelo bicho-do-pé “para não arruinar” (BRANDÃO, 1959:79). Em Alagoas (SANTIAGO, 1959:9), usa-se cera de ouvido ou cal raspada da parede para evitar a infecção que possa resultar da extração do bicho. Outra receita (MARTINS, 1986:212) é encher o buraco de onde se retirou o bicho com sarro de cachimbo.

CAMPOS (1967:90) comenta: “Para tirar do pé a pulga do ‘olho branco’ (pulga-de-bicho), pega-se um pedaço de toucinho fresco, que deverá ser amarrado, a seguir, sobre a área afetada. Dizem que a pulga-de-bicho do ‘olho branco’, por contato, passa do pé para o toucinho (p. 97); “Trata-se do bicho-do-pé enchendo-se-lhe a cova de onde foi extirpada a pulga com raspa de tijolo vermelho” (p. 99). Esse autor também comenta (p. 58): “Menos de um século após o descobrimento do Brasil, já era conhecido entre nós o emprego de pós de cinza; se não vejamos neste testemunho de SOUSA (1938:380): “porque estão metidos (os bichos-de-pé) pela carne, os quais se tiram em menos espaço de uma ave-maria; e donde saem fica uma covinha, em que põe-lhe uns pés de cinza ou nada, e não se sente mais dor nenhuma”.

### ORDEM LEPIDOPTERA

O termo é de origem grega e significa *lepidos* = escamas e *pteron* = asas, ou seja, asas dotadas de escamas, englobando as borboletas e as mariposas. O nome borboleta é aplicado a todas as espécies diurnas. Já o termo bruxa é

aplicado às mariposas noturnas. Explica IHERING (1940:172) que “O povo não adota critério certo para a diferenciação. Nem todas as mariposas são bruxas; estas, em geral, são as espécies de tamanho médio ou mesmo grande e o essencial é serem de cor sombria, para serem ‘agoureiras’. Há superstições que obrigam a enxotar sem matar as bruxas, que porventura entrarem em casa”.

Por sua vez, dá-se o nome de lagartas às suas larvas e o nome provém de *lacerta* e significa lagarto, lagartixa, e não lagarta (COSTA LIMA, 1945, 5:42). As lagartas causam consideráveis danos às plantas, pois se alimentam de suas folhas.

O termo panapaná, que significa bate-bate, é aplicado pelos índios à migração de borboletas. Na Amazônia é comum observar-se a migração de *Catopsilia*, de coloração amarela ou alaranjada. GOELDI (1904-1906:309-316) teve a oportunidade de estudar essas migrações.

### **Crendices sobre borboletas e mariposas**

A primeira diz respeito às escamas: “Entre nós é comum manifestar-se o receio de que a poeira constituída por escamas ou pêlos, que se destacam do corpo de um Lepidóptero adulto, possa causar lesões oculares e até a cegueira. [...]. Entretanto, Leger & Mouzels (1918), em Cayenne (Guiana Francesa), observaram uma dermatose, que durou 8 dias, causada pelas cerdas e escamas que revestem em grande abundância as asas e o corpo de mariposas do gênero *Hylesia* (Saturniidae)” (COSTA LIMA, 1945, 5:20). O pó que se desprende das asas dessas volúveis mariposas, esfregado sobre os olhos, cegará (OLIVEIRA, 1940:184).

OLIVEIRA (1940:184) afirma que “borboleta preta que voeja no quarto denuncia coisas aziagas”. Na capital paulista, acredita-se que “Quando passa raspando em uma pessoa indica que esta vai receber uma boa novidade, e quando a borboleta for branca a novidade se refere a casamento em breve” (LIMA, 1952:7). Também em Mogi das Cruzes, SP, acredita-se que borboleta branca em casa dá casamento (BRANDÃO, 1959:72) e que borboleta preta com olho de boi na asa, dentro de casa, ocasiona morte (p. 71) e que borboleta preta dá azar (p. 66). É crença geral que borboleta preta dentro de casa é sinal de desgraça (PEIXOTO, 1944:39).

CASCUDO (1979:138) registra: “Uma borboleta de cores claras será felicidade, arauto de alegrias, fortuna assegurada. Justamente o inverso da negra, aliada da morte e do destino fatal”. CASCUDO (1968a:157) comenta: “É presságio visível de futura contrariedade, aviso de mágoas inevitáveis, agouro afastador de alegrias lícitas”. Ele menciona que Mário de Andrade (p. 158) tinha medo de borboletas: “[...] meu hóspede em Natal estava na varanda quando uma grande borboleta crepuscular pousou na parede. Mário não a perseguiu, mas disse o nome clássico: ‘Olha a Bruxa!’”. Em outro trecho (pág. 159), ele diz: “Em Portugal a borboleta escura, esvoaçante à tarde, é a cousa má. Identicamente na Espanha e Itália. Na França é a desagradável mensageira do infortúnio. Na China é anúncio

da Morte. Pode ser então evitada com orações e sacrifícios. Entre os orientais é sempre o recadeiro silencioso do outro mundo. A mesma superstição vive por todo o continente americano. Na Irlanda é alma que vai para o Purgatório. No Devonshire é o espírito da criança que morreu sem batizar-se. Pela Ásia Menor havia crença idêntica. Entre os gregos, psiké era palavra que significava alma, espírito e também borboleta. Na Pérsia, a borboleta da tarde ou das primeiras horas noturnas é uma visita dos mortos saudosos da família terrestre”.

Em Ribeirão Preto, SP, ouvi dizer que quando uma borboleta ou mariposa penetra na casa, se a pessoa está habituada a comprar bilhete de loteria federal ou jogar no bicho, diz logo: “Compre o número correspondente à borboleta, esta semana ela dará na certa” ou “jogue na borboleta”. No jogo do bicho, o número 4 corresponde à borboleta, sendo o intervalo de números 13 a 16 relacionado ao inseto (PACHECO, 1957:87).

### **As lagartas dos lepidópteros**

As lagartas de mariposas e de borboletas são inimigas dos lavradores. SANTOS (1966:16) comenta sobre as malandragens que certos indivíduos fazem com os lavradores: “Todos sabem que na roça há uma classe de espertalhões que vivem de benzer bicheiras do gado e invasão de lagartas. São os mãos-santas, da triste credulidade do nosso povo, bom mas demasiado ingênuo, digamos assim. Estes mãos-santas, em geral analfabetos, mas bacharéis em velhaquice, sabem pela prática que a lagarta invasora, como qualquer outra, tem um determinado tempo como lagarta, passando logo a seguir a crisálida e depois a borboleta. Só durante a fase da vida em que tem o nome de lagarta é que come e, portanto, mostra-se prejudicial. Pelo tamanho da lagarta eles logo calculam quanto tempo ainda durará a praga e assim, quando os chamam para benzer, raramente o fazem logo, ganhando tempo, vindo um ou dois dias depois ou na próxima ‘sexta-feira’, que é dia ótimo para benzidelas. Quando pelo tamanho se capacitam que é tempo, lançam a excomunhão e, mais um dia ou dia e meio, pois já as lagartas começam o jejum para preparar a ninfose, dá-se o milagre. Eis a explicação”.

Para se livrar das lagartas “traça-se no terreiro atacado por essa praga um triângulo enfiando em cada vértice, uma estaca. Numa delas bate-se um prego com uma lagarta enfiada. Toda a praga trata de deixar o campo, em paz. A força desta magia consiste em ser o triângulo um símbolo da Santíssima Trindade” (PEREIRA DA COSTA, 1969:35).

Escreve CÉSAR (1941:23): “Quando aparecem ‘Bichos de rume’ – lagartas que andam em esteiras, umas por cima das outras, pelos campos e estradas, se eles tiveram a cor preta, adivinham bom inverno, se forem amarelo-avermelhados, denunciam grande seca”.

Mandorová, mandrová ou mandaruvá é a lagarta de certos lepidópteros. Quando sobe pelas roupas femininas dificilmente se desprende delas, causando horror às mulheres (OLIVEIRA, 1940:205).

Várias espécies, de famílias diversas, apresentam lagartas dotadas de cerdas ou espinhos, que provocam queimadura ao tocarem na pele. Taturana, também conhecida como tatorana e taturirana, são os nomes aplicados às lagartas urticantes de mariposas. STRADELLI (1929:669) registrou taturirana: “Larva de inseto, em geral de borboleta, mais ou menos felpuda, que em contato com a pele produz uma sensação de ardência incômoda e persistente”.

IHERING (1914:130) se deixou “queimar” por taturanas: “Inúmeras vezes experimentamos em nós mesmos, involuntariamente ou muito de propósito no laboratório, os vários ‘graus’ que nesta ‘queimadura’ se podem distinguir. Basta roçar muito de leve as cerdas (escondidas no meio dos pêlos mais longos nas lagartas das Megalopygidae), com o dorso da mão ou com o punho e, passados alguns segundos, sente-se um calor e prurido, aliás bem característicos, no ponto atingido. Um contato mais brusco faz entranhar mais as cerdas, sentindo-se assim também agulhadas, que no contato ligeiro passam despercebidas. Em todo caso, dentro de poucos minutos forma-se uma mancha vermelha, no meio da qual, mais tarde, se descobrem pontos brancos, correspondentes às agulhadas. A dor vai-se tornando cada vez mais intensa, a mão toda arde em fogo, logo começam a doer as juntas, isto é, se a tatorana pode injetar todo o veneno de várias cerdas, todas as articulações do braço e mesmo os ombros fazem-nos sentir uma dor violentíssima, como que aliada a uma sensação de peso, tudo isto no correr de 10 minutos, mais ou menos. Só uma vez, acidentalmente, fomos atingidos por tal forma, no antebraço, tendo-se manifestado sensíveis reações ganglionares axilares e ingüinais, e os movimentos, mesmo os da perna, tornam-se difíceis. A dor violenta e ininterrupta persiste durante horas e só gradativamente vai diminuindo. No caso mais grave a que acima aludimos só depois de decorridas 24 horas, passadas na cama, sentimo-nos aliviados, mas mesmo assim ao fim de dia e meio, ainda a dor local não havia passado. Lenitivos tentámo-los de toda espécie, sempre improficuamente, [...]. Pensávamos ter encontrado melhor remédio na aplicação do sumo das folhas da dália, como nos aconselharam, mas nem por esta forma foi possível abrandar a dor. Outros lenitivos foram preconizados por Peckolt; entretanto, parece certo que até o presente não dispomos de recurso algum com que possamos atalhar prontamente o mal.”

Em Pirassununga, SP, para tratar queimado de taturana, recomenda-se pó de café com massa de tomate ou leite de cebola, aplicado no local. Ou, matar a taturana e passar a barrigada no local (VANIN, 1977:33).

Modernamente, o tratamento se faz da seguinte forma (HADDAD JÚNIOR & CARDOSO, 2003:221-222): “Imediatamente após o acidente recomenda-se a lavagem da área afetada com água fria e abundante, pois a inoculação da secreção pelas espículas, bastante superficial, parece ser removida por esta manobra. Para alívio da dor, a terapêutica de eleição consiste na infiltração local com anestésico do tipo lidocaína a 2%. Compressas de água fria no local e analgésicos sistêmicos podem auxiliar na

fase aguda. A utilização de corticosteróides tópicos e anti-histamínicos por via oral pode contribuir no controle do quadro urticante”.

### Lagartas como recurso alimentar e medicinal

Os indígenas do Vale do Uaupés apreciam as larvas (PEREIRA, 1974:279-280): “Em certas épocas do ano aparecem numerosíssimas larvas de uns 3 a 4 cm de comprimento, sobre as plantas do japurã ‘bati’ (*Erisma japura* Spruce) e do cunuri ‘waxpó’ (*Cunuria spruceana* Baill), devorando-lhes totalmente as folhas. Apenas as percebem os índios, abatem as plantas em redor, para que as larvas não passem para outras árvores, e ficam assim obrigadas a descer pelo tronco, em procura de alimento. Na parte inferior do tronco fazem um anel, com a folha da pacova-sororoca (‘ohó puri’), que é muito lisa. As lagartas, ao chegarem aí, escorregam e caem no chão, sendo recolhidas, com paus ou fios, em peneiras e, logo depois, torradas lentamente sobre uma esteira, a certa distância do fogo. É tão grande a quantidade que podem encher cestos, que são conservados no fumeiro para ir sendo consumida aos poucos. Mesmo quando a descobrem só na fase de crisálida, cortam os galhos carregados de casulos, como uma grande espiga de milho, e os torram; sendo assim mais fácil de abrir os casulos, como se fora a casca de amendoim torrado. A crisálida constitui uma iguaria muito apreciada e serve, outrossim, como isca para anzol. Estas larvas denominam-se, em tucano, ‘bati-ya’ (piolho do japurã) e ‘waxpó-ya’ (piolho de cunuri)”.

As lagartas também são aproveitadas pelos índios Tucano (GIACONE, 1949:66): “Nas cabeceiras do rio Tiquié, Papuri e outros afluentes, onde escasseiam os peixes, os índios alimentam-se também de lagartas, que aparecem de agosto a novembro nas árvores cumuri, da família das euforbiáceas. São lagartas de cor escura, com pontos brancos e do tamanho de um dedo. Para apanhá-las, limpam a mata em baixo da árvore, cobrem o chão com folhas de bananeira da mata, a modo de lençol, depois sacodem os galhos, fazendo-as cair em grande quantidade. Apanham-nas, torram-nas e guardam-nas em peneiros, como a farinha de mandioca. Quando aparecem lagartas, os índios largam os trabalhos, e lá vão famílias inteiras à cata desses bichos. Se as lagartas já se encerraram no casulo, ao redor dos galhos e na bifurcação dos mesmos, bem apinhadas, como os bichos da seda, os índios cortam os galhos e os levam, para comer as crisálidas torradas ou cruas. Vêm, então, homens, mulheres e crianças, cada qual com um galho na mão, a rasgar com as unhas o casulo e a comer as crisálidas com a maior avidez”.

Em 1560, ANCHIETA (1900:35-36) escrevera o seguinte sobre o bicho-da-taquara (*Morpheis smerintha*): “Crescem no meio dos caniços uns vermes roliços e oblongos, todo branco, de um dedo de grossura, os quais os índios chamam *Rahu*: costuma comê-los assados e torrados ao fogo, tamanho, porém, é o seu número, juntado em montes, que deles se faz uma banha, que não é diferente da que se obtém do porco, e da qual se usa para comer

e para engraxar couros. Destes, uns se transformam em borboletas, outros viram ratos, que abrem buracos em baixo dos mesmos caniços, outros porém se convertem em lagartas, que estragam as plantas”. Nunez Cabeça de Vaca em 1555 e Saint-Hilaire em 1817, aquele no Paraguai, este em Minas, constataram que os indígenas procuravam avidamente essas lagartas, tidas não só como ótimo manjar, mas ainda como medicinais e apreciáveis por várias outras qualidades” (IHERING, 1924).

Os índios sul-americanos apreciam certas lagartas de mariposas da família Sphingidae, conforme Hyatt Verrill (*apud* MELLO-LEITÃO, 1944:140): “Quando eu estava na Guiana Inglesa, vi os índios apanhar essas lagartas e assá-las no borralho. Sentindo curiosidade de saber o seu gosto, mandei que o meu criado pusesse toucinho e frigar. Quando este começou a derreter, apanhei uma dúzia dessas lagartas grandes e gordas. Quando as deixava cair na gordura fervente, elas intumesciam e tomavam um tom pardo dourado, que lembrava os filhós. Uma vez cozida, não havia nada de repugnante em seu aspecto, e o seu sabor era muito parecido com o de uma fritada de caranguejos. E eu pedi mais”.

Com relação ao uso medicinal, na Europa do século XVIII as lagartas, secas e reduzidas a pó, eram ingeridas à guisa de fumo para estancar as hemorragias do nariz (LESSER, 1742, 2:185-186).

#### Algumas espécies de Lepidoptera

A seguir, são tratadas algumas espécies de lepidópteros que são bem conhecidos do povo:

**Bicho-da-seda** – É muito antiga a criação do bicho-da-seda (lagarta da mariposa *Bombyx mori*, Bombycidae), conforme explica MONTE (1934:118-119): “A sua origem perde-se através dos séculos, data de 2500 anos antes da era cristã e suspeitam que seu berço tenha sido a China ou a Índia, parecendo pertencer a primazia ao primeiro dos dois países. A criação do bicho-da-seda era segredo de Estado e aí daquele que o desvendasse. Por muito tempo permaneceu ele dentro das muralhas chinesas, e só muito mais tarde deveu-se o seu conhecimento à ousadia de uns monges, que o transportaram para a Grécia, primeiro as sementes da amoreira e posteriormente os ovos da borboleta. Julgam outros que esta saída se deve a uma princesa chinesa que desposou um dos reis do Turquestão. De uma maneira ou de outra, o fato é que o Japão, apoderando-se também do segredo da fabricação da seda, levou para suas terras e lá aperfeiçoou ainda mais, e a sericultura tornou-se assim uma propriedade mundial, difundiu-se e alcançou, apesar de todos os contratemplos, o adiantado progresso que hoje desfruta”.

Em 1810, falou-se em bicho-da-seda em Vitória, ES (IHERING, 1940:151). Um senhor de nome Vieira ofereceu uma meada de seda nacional ao rei de Portugal, D. João VI. Esse senhor desejava ser o inspetor da indústria de seda. Um inquérito foi instaurado e verificou-se que o bicho em questão se alimentava de folhas de mamona, e

não de amoras. Concluiu Ihering que devia se tratar de uma espécie de *Rothschildia*.

Em Mombuca, distrito de Ribeirão Preto, SP, há uma colônia japonesa que se dedica à sua criação. Em 1976, vi várias criações em Kyoto, Japão e, em 1980, na Índia.

**Bicho-de-cesto** – Também conhecido pelos nomes de bicho-de-charuto ou traça, aplicados às lagartas de várias mariposas da família Psychidae. Essas lagartas constroem seus casulos com gravetos, revestidos de fios de seda, sendo comum vê-los nos ramos dos ciprestes. Curioso é que o macho é alado e abandona o casulo quando chega a época da metamorfose, mas a fêmea é áptera e fica dentro dele, fixo a um ramo qualquer de árvore.

Informa MELLO-LEITÃO (1944:60) que “Os indígenas do Ceilão (= Sri Lanka) consideram tais larvas como sendo indivíduos que em outra encarnação tinham sido seres humanos que roubaram lenha e que espiam o seu crime, repetindo o mesmo pecado como inseto. Lembra, com efeito, a lagarta que se arrasta, um pobre homem curvado ao peso de imensa pilha de lenha”.

**Bruxa-beija-flor** – IHERING (1940:172) fala que esse nome corresponde a uma mariposa da família Sphingidae e que “São crepusculares e, como seu vôo e aspecto geral têm realmente alguma semelhança com os beija-flores, o povo teima em afirmar que são avezitas que ‘viraram’ mariposas”. A espécie *Pholus lambruscae* é chamada de mariposa-beija-flor, pois o povo acredita que ela é originária da transformação de um beija-flor. De fato, há vários registros nesse sentido: ANCHIETA (1900:60), em sua carta de 30 de maio de 1560, escreveu que os guainumbis “alimentam-se só de orvalho; desses há vários gêneros, dos quais, um, afirmam todos, que se gera da borboleta”. CARDIM (1925:53), no século XVI, também menciona os guainumbis ou beija-flores: “tem dois princípios de sua geração: uns se geram de ovos como outros pássaros, outros de borboletas, e é coisa para ver, uma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque justamente é borboleta e pássaro, e assim se vai convertendo até ficar neste formosíssimo passarinho; coisa maravilhosa, e ignota aos filósofos, pois um vivente sem corrupção se converte noutro”.

BATES (1944, 1:215-216), que visitou a Amazônia no século XIX, disse que “Várias vezes atirei por engano numa mariposa, tomando-a por um beija-flor. Tal mariposa (*Macroglossa titan*) é um pouco menor que o geral dos beija-flores, mas seu modo de voar, e a maneira como se libra diante das flores, enquanto as explora com a tromba, são precisamente como os dos beija-flores. Só depois de alguns dias de experiência fui capaz de distinguir uma do outro no vôo. Essa semelhança chamou a atenção dos naturais, e todos, mesmo os brancos civilizados, acreditam firmemente que uma se transforma no outro. Observaram a metamorfose das lagartas em borboletas e, portanto, nada vêem de espantoso que uma mariposa possa virar beija-flor. A semelhança entre esta bruxa e um beija-flor é, sem dúvida, muito curiosa, e ainda mais impressiona quando

se examina os dois de perto. Olhando-os de lado, a forma da cabeça e a posição dos olhos na mariposa são quase as mesmas da ave; a tromba estendida representa o longo bico. Na extremidade posterior do corpo da mariposa há um tufo de longas escamas piliformes, parecendo penas e que, expandidas, parecem-se muito com a cauda da ave. Mas evidentemente, todos estes pontos de semelhança são meramente superficiais. Os negros e índios procuraram convencer-me de que os dois eram da mesma espécie. Diziam-me: 'Olhe para as penas; os olhos são os mesmos e as caudas iguais'. Esta crença está tão profundamente arraigada, que era inútil discutir com eles sobre o assunto".

Anotando essa passagem, Mello-Leitão (*apud* BATES, 1944, 1:216) informa que o gênero *Macroglossa* ficou preservado para as espécies paleárticas, passando as do Brasil para o gênero *Sesia*. Para COSTA LIMA (1950, 6:113), a espécie mencionada por Bates é *Sesia fadus*: "Os Esfingídeos ou voam ao crepúsculo, de madrugada, ou mesmo durante o dia. Voando como pássaro, movem-se rapidamente e, ao sugarem o néctar de uma flor, não raro o fazem como um beija-flor".

A crença de que uma certa mariposa se transforma em beija-flor foi ouvida por LENKO (1966:33) em Corumbá, MT, por parte de um médico: "Quando ele era menino, várias vezes aprisionava esse inseto em caixas, esperando a milagrosa transformação. Naturalmente, a 'experiência' nunca dava certo, pois o bichinho sempre morria antes de transformar-se em passarinho".

**Oitenta** – Nome vulgar aplicado à espécie *Catagrama pygas*, da família Nymphalidae. Ela apresenta o número 80 na parte inferior das asas posteriores. Ao ver tal borboleta, o supersticioso trata logo de comprar um bilhete de loteria com esse final.

**Oitenta-e-oito** – Nome correspondente à espécie *Calicora meridionalis*, da família Nymphalidae. Ela apresenta o número 88 na parte inferior das asas posteriores. Quando ela é avistada, o supersticioso acha que esse número sairá no bilhete de loteria.

### Adágios e ditos populares

MOTA (1969:88) enumera os vários significados populares do termo borboleta: "Moça ou rapaz inconstante nas amizades, nos estudos, no trabalho; tipo de gravata; entrada mecânica das estações de estrada de ferro e rodoviárias, ônibus, mercados, etc.; fogo de São João; espécie de parafuso; número 4 no jogo-de-bicho; prostituta". Ele registra também o verbo borboletar que significa exibir-se, ser inconstante, além do adágio "Macho com fêmea, nem elefante nem borboleta" e do cancionero popular:

Borboleta não é ave!  
Borboleta ave é!  
Borboleta só é ave  
Na cabeça da mulher!

## ORDEM COLEOPTERA

O termo é de origem grega significando *coleos* = estojo, bainha e *pteron* = asa, reunindo os insetos vulgarmente conhecidos como besouros, brocas e escaravelhos.

A ordem é rica em espécies. COSTA *et al.* (2002) registraram 127 famílias no Brasil. O número de espécies registradas no mundo chega a 350.000 (BRUSCA & BRUSCA, 2002).

Comenta MELLO-LEITÃO (1944:77): "Quem não conhece os escaravelhos, uns (e são a maioria) sempre vestidos de negro, outros parecendo ter cortado a sua indumentária em lâminas de safira e de esmeralda? Quantas vezes os encontramos pelos campos de pastagens, enrolando a sua bola de excremento! Os antigos egípcios viam nessa bola a imagem de Osíris e o escaravelho era uma das figuras mais importantes daquela fauna sagrada de deuses animais. Vêmo-lo constantemente representado na frente do deus máximo. O nosso povo, singelo e irônico, chama ao besouro negro absorto nesse afã pouco aseado, enrolamundo. Em cada bola destas a que o enrola-mundo, com a habilidade de um geômetra ou de um torneador, dá forma rigorosamente esférica, é um pequeno mundo hermético onde passará os longos dias da sua vida a larva gorda e canhestra, a manducar essa pasta escura, esse estranho pão, cozido nos intestinos dos herbívoros".

Informa IHERING (1940:146) que "Uma boa coleção de besouros pouco fica a dever à de borboletas quanto à beleza, pois também nestes insetos varia ao infinito a bizarra conformação do corpo e a originalidade do desenho e do colorido. Todas as cores aí aparecem, freqüentemente realçadas pelo brilho metálico intenso ou delicadíssimo. E para o colecionador apresentam estes insetos a vantagem de serem menos frágeis e, portanto, de captura, preparação e conservação mais fáceis".

### O besouro na fala do povo

O termo besouro é aplicado para designar "homem fraco, mas de fala grossa; pederasta ativo; fragmentos que se desprendem da madeira ou do ferro quando trabalhados" (MOTA, 1969:73). Ele também figura no cancionero popular (*idem*, p. 74):

Não tenho medo do homem  
Nem do ronco que ele tem,  
O besouro também ronca,  
Vai se ver não é ninguém.

O nome de bicho-de-coco é aplicado à pessoa reticente, cautelosa: "Ele é bicho-de-coco, dali não arranca nada" (MENDES, 1942:29).

O pequeno carro da Volkswagen, fusca, também é chamado de besouro devido ao seu formato.

### Poder augural dos besouros

Os habitantes de Mogi das Cruzes, SP, acreditam que dá azar quando um besouro penetra na casa (BRANDÃO,

1959:68). Na capital paulista foi registrado por LIMA (1952:7) que “Quando entra em casa indica que se vai receber uma carta”.

Comenta LENKO (1962:56) que “Não se deve ser leviano a ponto de se tirar a vida de besouros que entram em casa. Na verdade são confusas as crendices sobre estes insetos. Uns dizem que besouro que entra em casa dá azar, sendo portador de má sorte; outros afirmam que eles somente prenunciam grandes novidades ou visitas próximas. Besouro batendo na vidraça é visita amiga; rodeando uma pessoa é carta de família. Em todo o caso, o nosso engenheiro caipira aconselha: ‘Besouro em casa [...] é besouro mandado. Não se mata, mas se diz: ‘Se for de bem, fique; se for de mal, vá-se embora!’”.

Quando aparecem pirlampos em grande quantidade antes de começarem as chuvas, no nordeste, o camponês diz: “Este ano é bom de leguma de caroço” (cereais) (PEREIRA DA COSTA, 1937:22).

### Besouros como adornos

Os índios da Serra do Norte usam o dodezê, ou seja, colar feito com rostos de besouros (ROQUETTE PINTO, 1950:258).

LE COINTE (1945:155) registrou informação interessante sobre o grande besouro *Megasoma elephas*, da família Scarabaeidae: “[...] pode atingir 10 cm de comprimento e 5 de largura, sendo o macho armado de um, dois ou três chifres pretos como azeviche, às vezes ramificados e compridos de 3 a 4 cm; são muito procurados estes chifres e, encastoados numa armação de prata ou de ouro, servem na confecção de ‘figas’, ou de alfinetes de gravata”. COSTA LIMA (1953, 8:50) registrou maiores dimensões: 115 a 120 mm de comprimento.

CARRERA (1964d:8) registrou: “Na França, no fim do século passado, o uso de besouros vistosos, adornando o vestido ou o penteado das damas, era indício de bom gosto. Um Rutelídeo azul da fauna francesa, *Hoplia farinosa*, foi vendido aos milhares para esse fim. Mas, como o mercado parisiense exigia variedades, os comerciantes passaram a adquirir besouros de cores vivas em outras regiões faunísticas, e na China, nas Ilhas Filipinas, na Cochinchina, no Suriname e no Brasil a moda encontrou a fonte dos melhores suprimentos. Os Curculionídeos *Entimus splendidus* e *Entimus imperialis* eram as espécies brasileiras mais desejadas, pois tais besouros, de cor escura com pintas brilhantes, verde-douradas ou verde-azuladas, são realmente de grande beleza. Usavam-se também pequenos besouros de corpo achatado, os Cassidíneos, presos em alfinetes ou recobrimdo botões. Caso curioso de inseto empregado como ornamento é o de *Megazophorus chilensis*, besouro da família dos Tenebrionídeos, originário do Iucatão, no México, que foi transformado em belíssima jóia móvel. O besouro, a respeito do qual se conhecem várias lendas de origem maia, nada tem de bonito, mas um caprichoso joalheiro mudou o seu aspecto, colocando em seu dorso uma fina lâmina de ouro incrustada de pequenas pedras preciosas. Engenhosamente soldou a esta lâmina uma

delicada correntinha que se prende, na outra extremidade, a um alfinete de gancho estilizado. Preso ao vestido, o inseto, assim enfeitado, caminha livremente pela pequena área que o comprimento da corrente lhe concede. O seu proprietário, ao adquiri-lo, recebe um bocado da casca de determinada árvore mexicana, que o inseto rói quando tem fome, pois só com isso se nutre”.

O nome besouro-de-chifre é aplicado à espécie *Megasoma actaeon*. Sobre sua utilidade registra LENKO (1963:110): “No norte do país, entre algumas tribos indígenas, é costume dar pulseiras-amuletos feitas de chifres de um besouro (*Megasoma actaeon*), bifurcado no ápice, formando dois pequenos cornos. Neste caso os cornos simbolizam a força sexual e física, e os índios afirmam que estes chifres pendentes aumentam a potência dos portadores. É uma espécie de ‘figa-isola’, isto é, mão cornuda (amuleto representado pela mão com dedos indicador e mínimo esticados), usado pelos ‘civilizados’ e que, segundo a crença, além de proteger contra mau olhado e várias infelicidades, afasta também os atributos contrários à virilidade”.

O besouro conhecido como mãe-de-sol ou olho-de-sol (*Euchroma gigantea*, Buprestidae), é uma espécie de belas cores metálicas, que alcança 8 cm de comprimento. IHERING (1940:478) informa que “Os índios também lhes dão grande apreço, pois os élitros, perfurados e enfiados sobre um cordel, constituem adorno muito usado entre várias tribos”. Informa CARRERA (1964e:8) que “os índios do Rio Napo, no Peru, constroem pulseiras com ossos de pássaros, a elas prendendo berloques formados por certa quantidade de élitros (asas coriáceas dos besouros) de *Euchroma*. O mesmo acontece com certos índios do Amazonas, que têm atravessado no lóbulo das orelhas um enfeite de penas de surucua, do qual pende um feixe de élitros daquele inseto”. É a mesma opinião de RONNA (1928:153): “[...] os élitros desta espécie sempre serviram como adorno dos indígenas e que as asas da mãe-do-sol (p. 180) fazem parte integrante dos adornos das tribos indígenas”.

Ao passar pela cidade de Rio Grande, RS, em 1809, LUCCOCK (1975:127) verificou que as damas usavam vaga-lumes, à noite, como enfeites do cabelo. Citando essa passagem, MELLO-LEITÃO (1937:180) comenta: “O uso dos grandes pirlampos, de lanternas no protórax, era muito generalizado na América espanhola até as Antilhas, onde as moças encerravam esses besouros em saquinhos de gaze, que reuniam em rosetas, fixando-os ao corpete, ou os punham em flores de penas e brilhantes, enfeitando os cabelos”.

### Besouros na medicina popular

Desde antigamente, fala-se nas propriedades afrodisíacas e epistopásticas da cantárida (*Lytta vesicatoria*). Na obra de LESSER (1742, 2:191-192), lê-se: “Usam-se raramente as cantáridas internamente, mas sabemos que elas têm muito uso nas aplicações externas, em forma de vesicatório. Usa-se delas para as dores de cabeça e contra a enxaqueca: na dor dos lhos e na cegueira causada pelo

mercúrio ou outros remédios, que fazem diminuir os humores e os zumbidos dos ouvidos. Aplica-se na forma de emplastro atrás da orelha, na surdez causada por contusão externa, contra a epilepsia e nas dores de dentes, etc. As cantáridas são também um bom remédio contra as dores ciáticas, aplicando-se na barriga da perna. Elas são também de bom uso nas febres intermitentes, como também nas febres malignas, mas é preciso empregar o remédio com muita prudência”.

“Quando pousa numa pessoa, esta instintivamente a esmaga, espalhando uma substância que provoca sensação de queimadura. O líquido vesicante fica depositado numa glândula sub-cuticular. A secreção mais conhecida é a cantaridina, que foi empregada na velha medicina (vesicatórios, moscas-de-Milão) e hoje de uso muito restrito por ser altamente tóxica, atacando os rins” (MELLO-LEITÃO, 1948:82).

A espécie brasileira, *Epicauta adspersa*, apresenta 2,5% de cantaridina e a europeia apenas 0,5%, dizendo tratar-se de uma substância muito ativa, bastando 0,2 mg para provocar albuminúria (IHERING, 1940:208).

LAGOS (1962:338-339) registrou os nomes de papa-pimenta e pimentão em 1862 e pergunta “Será o potó?” acrescentando: “Em quase todo o Ceará encontram-se uns insetos, a que o povo dá o nome de papa-pimenta ou pimentão, por causarem grande estrago nas pimenteiras e outras solanáceas: estes insetos, de que há abundância, principalmente em alguns anos, possuem enérgica propriedade epispástica ou vesicante, sem o inconveniente de ação especial sobre certos órgãos, como as cantáridas, às quais poderiam substituir com vantagem”. Em nota a Lagos, Braga (in LAGOS, 1962:404) informa que esses nomes vulgares não estão em vigor no Ceará, mas que devem tratar-se dos coleópteros *E. adspersa* e *E. atomaria*.

No caso da “mijada” de potó, deve-se aplicar uma papa que se faz da rapadura (CAMPOS, 1967:99). FONSECA (1949:296) registrou os nomes de burrinho, potó-grande e potó-pimenta e que “No tratamento deve-se aplicar ‘linimento óleo-calcário, compressas de sulfato de magnésio, pomada de óxido de zinco e 4% de amoníaco diluído’. Para a conjuntivite, a solução de bicarbonato de potássio a 2% é indicada”.

Outro nome registrado para *E. adspersa*, *E. atomaria* e *E. acerrima* é vaquinha (RONNA, 1928:151-152): “Pragas devastadoras das solanáceas, possuem certas propriedades medicinais próprias de toda a família à qual pertencem. É notório que estes bichos ‘queimam’, isto é, são cientificamente cáusticos, vesicatórios; é natural, então, que possam ser aproveitados na medicina para o mesmo fim. Estas *Epicautas* contêm mais ou menos 2,5% de cantaridina e, segundo as pesquisas do dr. Courbon, podemos com elas, convenientemente tratadas, preparar emplastos ‘cujos efeitos se não são melhores, pelo menos são iguais aos dos papéis sinapizados ingleses’. Para colher o material necessário, Girard aconselha: apanhar os insetos ao escurecer ou pela manhã, quando são menos ágeis e ficam imóveis nas plantas. Sacodem-se sobre uma bolsa de

larga embocadura que contenha folhas no fundo e matam-se os coleópteros, expondo-os ao calor solar dentro de um vidro bem fechado ou expondo a bolsa de pano que os contém aos vapores de vinagre fervendo”.

Em Ribeirão Preto, SP, foram registrados os nomes vulgares de vaquinha e de cascudinha (BRANDÃO SOBRINHO, 1903:67): “Há também umas vaquinhas cinzentas, chamadas cascudinhas (*E. cinerea*), que são mesmo terríveis e que, dizem, prestam mesmo o serviço de devorarem os ovos dos grilos e dos gafanhotos, que são outras terríveis pragas para a lavoura. Essas vaquinhas têm ação idêntica a das cantáridas, e afirma-se até que seus efeitos são mais poderosos e enérgicos.”

### Larvas de besouros na alimentação humana

As larvas de diversas espécies de besouros são apreciadas por diferentes povos ao redor do mundo. Quando se cavoca um terreno onde há árvores ou arbustos é comum encontrar larvas esbranquiçadas de besouros. Em várias partes do interior paulista já vi os caipiras consumirem-nas como alimento.

SANTOS (1961b:69) diz: “As larvas de *Rhynchophorus ferrugineus* são tidas como grande petisqueira pelos hindus, chineses do sul, indo-chineses, siameses e malaios. Colhem-nas, engordam-nas e vendem-nas no mercado como mercadoria de luxo. Eu já vi no interior do nosso país um capiau apanhar e comer a larva dum coleóptero, que ele chamou ‘bicho-do-coco’ – julgo que se tratava da larva de *Rhynchophorus palmarum*. Os nossos indígenas tinham em alta conta as larvas de alguns coleópteros, que comiam com satisfação. Não devemos, ao saber disso, fazer careta de repugnância, pois os romanos da super-civilizada urbe deliciavam-se com o cossus, que outra cousa não é senão a larva do coleóptero *Ergastes faber*”.

Lembra MELLO-LEITÃO (1944:140-142) que “Os Sãos e os beduínos do Egito comem escaravelhos, indo buscá-los na sua lide de fabricar bolas de esterco. Conta Miss Finch que entre os felás, quando um menino chega aos onze ou doze anos, é submetido à seguinte cerimônia de iniciação: O menino e o xeque ficam no centro de um círculo formado pelos homens da tribo, que se conservam acorados, muito unidos, ombro a ombro, e cantam em ritmo os 99 nomes de Alá, balançando-se de um lado para outro, até que caem em transe. O xeque, relativamente calmo, e indiferente à grande excitação dos circunstantes, lê então trechos do Corão, relativos à vida eterna, e ordena ao rapaz que se sirva de um prato de escaravelhos. É essa refeição que lhe dá o direito de ser reconhecido como homem. Mas as larvas, especialmente as grandes larvas do gordíssimo abdômen das brocas, são muito mais apreciadas.

Nas Antilhas, nas ilhas de Barlavento, diz Verrill, comem as grandes larvas que devoram os brotos da palmeira grôgrô. E, diz ele, ‘são espetadas, às dúzias, em uma varinha afilada e assadas na brasa. Assim preparadas, incham e rebentam como castanhas assadas, das quais têm o mesmo gosto’. Admito que, vivas, tenham um aspecto

repelente, mas depois de assadas, já não parecem larvas de insetos. Embora sejam, originariamente, um prato dos ameríndios Caraíbas, os negros se habituaram a comê-las, acontecendo o mesmo com o homem branco. Por mim, acho-as deliciosas”.

Larvas do besouro *Pachymerus nucleorum*, da família Bruchidae, também são denominadas de bicho-de-coco. Elas se desenvolvem no interior das sementes de coqueiros e palmeiras, tais como carnaúba (*Copernicia cerifera*), coco-babaçu, (*Orbignya martiana*), cococaboclo (*Licurioba capanemae*), coco-da-Bahia (*Cocos coronata*), piassava (*Attalea funifera*) etc. (COSTA LIMA, 1955, 9:250). STRADELLI (1929:567) menciona uma larva chamada muxiú, “encontrada no tronco das palmeiras, especialmente das pupunheiras, e que os índios comem”. Essa larva atinge 22 mm de comprimento por 15 mm de largura, sendo apreciada tanto pelos índios quanto pelos caboclos. RONNA (1928:150) menciona larvas “muito procuradas pelas crianças e mesmo por gente de certa cultura, vivas ou assadas e que são os ‘bichos’ da *Attalea speciosa* (babaçu) os mais apreciados. Assim, as larvas que dizem ser encontradas às vezes na noz do coco é tida pelos homens do campo como uma verdadeira gulodice”.

Comenta MAGALHÃES (1942:56-57), quando participava da expedição da Comissão Rondon: “Durante as expedições através do sertão, as privações de alimento eram incidentes com os quais deviam sempre contar os expedicionários: poupava-se então quanto possível, reduziam-se as rações, lançava-se mão do expediente da caça, utilizavam-se os recursos da floresta – o mel, o palmito, as frutas silvestres. Num desses trágicos momentos de rações reduzidas e de ponto de interrogação quanto aos recursos para o dia seguinte, um dos funcionários, de categoria média, veio comunicar ao seu chefe a importante descoberta de um bicho-de-coco, que servia admiravelmente para matar a fome [...]. Explicou que o molusco (sic) apresentava uma massa gordurosa, que se prestava a assar

ao calor das brasas, como um bolo de arroz em gordura, e que assim frito se tornava delicioso ao paladar. O General, porém, ria-se a bandeiras despregadas e o descobridor cada vez mais se esforçava para o convencer de que deveria provar o bicho-de-coco assado, para então verificar a verdade do que estava afirmando. Quando o interlocutor mais apreensivo se mostrava e mais encarniçado na defesa de sua preciosa descoberta, o General então definiu o seu pensamento com estas simples palavras: ‘Eu não estou duvidando do que você afirma; rio-me porque eu conheço há muito tempo esse bicho-de-coco e eu o como sempre [...] mas cru!’ Na verdade, em dias de fome, não só lhe servia o bicho-de-coco como também a tanajura!”

CRULS (1945:229-230) menciona a lagarta-do-bocó da palmeira uauaçu. Ele notou que seus homens quebravam os cocos a fim de obter as larvas, que eram comidas vivas.

Os nomes mingongo e gorgolô foram registrados por ABREU (1931:233), que afirma que os naturais comiam-nos assados e os consideravam saborosos.

Iglésias (in CASCUDO, 1968b:21-22) notou, em 1915, no interior do Maranhão, que as larvas que atacam a palmeira bacava, *Oenocarpus bacava* e *O. distichus*, eram saboreadas fritas ou cruas. Quando fritas desprendem um azeite igual ao que sai do próprio coco. As larvas eram comidas adicionando-se farinha de mandioca. Escrevia Saint-Hilaire (in CASCUDO, *op. cit.*) que “Vários portugueses consideram-no igualmente um prato delicioso”. Como havia grande quantidade, elas eram derretidas e sua gordura empregada como se fosse manteiga.

Desde a foz do Rio Tiquié até acima da foz do Papuri aparecem os besouros que os tucanos chamam de ucassiá (GIACONE, 1949:66). Nessa ocasião, os índios festejam com danças, festas e bebedeiras. Eles capturam somente os vivos que estão na água do rio, perto das casas, enchendo cestos e cestos, e esse alimento dura vários meses.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU SF. 1931. **Na terra das palmeiras – estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica.
- ANCHIETA J. (1560) 1900. **Carta fazendo a descrição das innumeradas coisas naturaes, que se encontram na província de S. Vicente, hoje S. Paulo**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica.
- ARAÚJO AM. 1962. Escorço do folclore de uma comunidade. **Rev. Arq. Munic.** 166: 1-472.
- ARAÚJO AM. 1977. **Medicina rústica**. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- BALDUS H. 1970. **Tapirapé: tribo tupi no Brasil Central**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP.
- BATES HW. 1944. **O Naturalista no Rio Amazonas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- BOITEUX L. 1957. **Poranduba catarinense**. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore.
- BRANDÃO AF. 1943. **Diálogos das grandezas do Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos.
- BRANDÃO G. 1959. Mogi das Cruzes. Monografia folclórica. **Rev. Arq. Munic.** 162:1-80.
- BRANDÃO SOBRINHO J. 1903. **O solo, a flora e a fauna do 3º districto agronomico do Estado de S. Paulo com sede em Ribeirão Preto**. São Paulo: Escola Typographica Salesiana.
- BRUSCA RC & GJ BRUSCA. 2002. **Invertebrates**. 2ª ed. Nova York: Sinauer Associates Inc.
- BURMEISTER H. 1952. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais visando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos**. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- CAMPOS E. 1967. **Medicina popular do Nordeste – Superstições, credences e mezinhas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- CARDIN F. 1925. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora J. Leite & Cia.
- CARNEIRO E. 1950. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora

- Globo.
- CARRERA M. 1955. Os insetos na medicina antiga. **Chá. & Quint.** 91(5): 639-640.
- CARRERA M. 1958. Chuvas de sangue. **Caça e Pesca** 18(207): 36.
- CARRERA M. 1963. Cigarra tem cuíca para produzir som. **Folha de S. Paulo**, 2º caderno, p. 5, 24 de dezembro.
- CARRERA M. 1964a. No passado, piolhos elegiam prefeitos. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno, p. 6, 28 de abril.
- CARRERA M. 1964b. Besouro salvou abade-entomólogo. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno, p. 5, 5 de maio.
- CARRERA M. 1964c. Lenda diz que pulgas vieram das cinzas. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno, p. 6, 9 de junho.
- CARRERA M. 1964d. Insetos como ornamento da indumentária feminina. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno, p. 8, 21 de julho.
- CARRERA M. 1964e. Insetos como ornamento da indumentária feminina. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno, p. 8, 21 de julho.
- CARVALHO JCM. 1951. Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional. **Publ. Avs. Mus. Nacional** 7: 1-32.
- CARVALHO JCM. 1952. Notas de viagem ao Rio Negro. **Publ. Avs. Mus. Nacional** 9: 9-92.
- CASCUDO LC. 1968a. **Coisas que o povo diz**. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- CASCUDO LC. 1968b. **História da alimentação no Brasil – Cozinha brasileira (pesquisas e notas)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CASCUDO LC. 1971. **Antologia do Folclore Brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- CASCUDO LC. 1977. **Locuções tradicionais no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- CASCUDO LC. 1979. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- CÉSAR G. 1941. **Crendices do Nordeste**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editore.
- COSTA C, SA VANIN, JM LOBO & A MELIC. 2002. **Proyecto de Red Iberoamericana de Biogeografía y Entomología Sistemática**. Zaragoza: Sociedad Entomológica Aragonesa.
- COSTA LIMA A. 1939. **Insetos do Brasil, vol. 1**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1940. **Insetos do Brasil - Hemípteros, vol. 2**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1942. **Insetos do Brasil - Homópteros, vol. 3**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1945. **Insetos do Brasil - Lepidópteros - 1ª Parte, vol. 5**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1950. **Insetos do Brasil - Lepidópteros - 2ª Parte, vol. 6**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1953. **Insetos do Brasil - Coleópteros - 2ª Parte, vol. 8**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA LIMA A. 1955. **Insetos do Brasil - Coleópteros - 3ª Parte, vol. 9**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA NETO EM. 2005. Entomotherapy, or the medicinal use of insects. **Journal of Ethnobiology** 25(1): 93-114.
- COSTA NETO EM & JM PACHECO. 2003. "Head of snake, wings of butterfly, and body of cicada": impressions of the lantern-fly (Hemiptera: Fulgoridae) in the village of Pedra Branca, Bahia State, Brazil. **Journal of Ethnobiology** 23(1): 23-46.
- CRULS G. 1945. **A Amazônia que eu vi. Óbidos-Tumucumaque**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FONSECA F. 1949. **Animais peçonhentos**. São Paulo: Instituto Butantan.
- FRIKEL P. 1968. Os Xikrin: equipamento e técnicas de subsistência. **Publ. Avs. Mus. Par. Emílio Goeldi** 7: 1-119.
- GIACONE A. 1949. **Os Tucanos e outras tribos do Rio Uaupés, afluente do Negro-Amazonas. Notas etnográficas e folclóricas de um missionário salesiano**. São Paulo: Associação Brasileira de Amerindianistas. Imprensa Oficial do Estado.
- GLIESCH R. 1940. **Curso geral de zoologia**. Porto Alegre: Livraria do Globo.
- GOELDI EA. 1904-1906. Grandiosas migrações de borboletas no vale amazonico. **Bol. Mus. Goeldi (Mus. Par.) de Hist. Nat. e Ethn.** 4(1): 309-316.
- HADDAD JÚNIOR V & JLC CARDOSO. 2003. Erucismo e lepidopterismo, p. 220-223. *In*: JLC CARDOSO *et al.* (eds.). **Animais peçonhentos no Brasil**. São Paulo: Sarvier e FAPESP.
- IHERING R VON. 1914. Estudo biológico das lagartas urticantes ou tatoranas. **Ann. Paul. Med. Cir.** 3(6): 129-139.
- IHERING R VON. 1924. **Contos... de um Naturalista**. São Paulo: Editora Brazão.
- IHERING R VON. 1940. **Dicionário dos animais do Brasil**. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola.
- LAGOS MF. 1962. Seção zoológica, p. 314-342. *In*: R BRAGA. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- LE COINTE P. 1945. **O Estado do Pará. A terra, a água e o ar. A fauna e a flora. Mineraes**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LENKO K. 1959. Achegas à medicina popular do Amapá. **Caça e Pesca** 19(220): 12-18.
- LENKO K. 1962. Crendices e poteção à funa. **Chá. e Quintais** 105(1): 55-56.
- LENKO K. 1963. Pelos domínios da medicina popular – IV. Drogas afrodisíacas. **Chá. e Quintais** 107(1): 109-110, 112.
- LENKO K. 1966. Bichos que se transformam em outros bichos. **Chá. e Quintais** 113(1): 33-34.
- LENT H & P WYGODZINSKY. 1979. Revision of the Triatominae (Hemiptera, Reduviidae), and their significance as vectors of Chagas's disease. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.** 163(3): 123-520.
- LÉRY J. 1941. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins.
- LESSER FC. 1742. **Theologie des insectes, ou demonstration des perfections de Dieu dans tout ce qui concerne les Insectes**. Capítulo IV: de l'utilité & de l'usage des insectes dans la médecine, p. 177-193. A La Haye: Chez Jean Swart.
- LIMA RT. 1952. Superstições e crendices benéficas de São Paulo. **Folclore** 1(2): 5-23.
- LUCCOCK J. 1975. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Livraria Itatiaia.
- MAGALHÃES AB. 1942. **Impressões da Comissão Rondon**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MAGALHÃES J. 1966. **Medicina folclórica**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- MARTINS S. 1986. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- MELLO-LEITÃO A. 1948. **Animais peçonhentos**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura.
- MELLO-LEITÃO C. 1937. **O Brasil visto pelos ingleses**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MELLO-LEITÃO C. 1944. **Vida maravilhosa dos animais**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MENDES A. 1942. **Vocabulário amazônico. Estudos**. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira.
- MONTE O. 1934. **Borboletas que vivem em plantas cultivadas**. Belo Horizonte: Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Geraes.
- MOREIRA C. 1921. Entomologia arícola brasileira. **Bol. Inst. Biol. Def. Agr.** 5: 1-182.

- MOTA M. 1969. **Os bichos na fala da gente**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- NAVARRO DE ANDRADE E. 1927. **Por ahi além**. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- NEIVA A. 1940. **Estudos da Língua Nacional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- NOMURA H. 2006. Entomologia pitoresca I - Os insetos nas crenças, superstições e medicina popular. Análise bibliográfica. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 6(2): 145-155.
- OLIVEIRA SA. 1940. **Expressões do populário sertanejo: vocabulário e superstições**. São Paulo: Civilização Brasileira.
- PACHECO RJC. 1957. **Antologia do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora.
- PEIXOTO A. 1944. **Miçangas: fama (folclore) e história**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson.
- PEREIRA N. 1974. **Panorama da alimentação indígena: comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- PEREIRA DA COSTA GJ. 1937. Acauã e outros temas. **Rev. Arq. Munic.** 179: 17-53.
- PISO G. 1948. **História natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ROCHA FD. 1947. **Formulário terapeutico de plantas medicinaes cearenses, nativas e cultivadas**. 2ª ed. Do autor. Fortaleza.
- RONNA E. 1928. **Os Insectos do Brasil (notas de economia domestica e agrícola)**. São Paulo: Casa Editora Chácaras e Quintaes.
- ROQUETE PINTO E. 1950. **Rondônia**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SALVADOR FREI V. 1918. **História do Brasil**. São Paulo: Weisflog Irmãos.
- SANTIAGO P. 1959. Coisas e loisas do folclore. **Bol. Alag. Folcl.** 4(1/2): 6-15.
- SANTOS E. 1961a. **Os insetos (vida e costumes)**. Vol. 1. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia.
- SANTOS E. 1961b. **Animais silvestres que nos são úteis**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura.
- SANTOS E. 1966. **Contribuições à zoologia agrícola do Brasil**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola.
- SÃO PAULO F. 1936. **Linguagem médica popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Barrto & Cia., 2: 1-385.
- SOUZA GS. (1587) 1938. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SPIX JB VON & CFP VON MARTIUS. 1938. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- STRADELLI E. 1929. Vocabularios da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos e um esboço de gramática nheênga-umbuê-sauá mirí e seguidos de contos em língua geral nheêngatú porandua. **Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras.** 104, 158 (2º de 1928): 1-768.
- STUDART G. 1910. Usos e superstições cearenses. **Rev. Acad. Cearense** 15: 28-57.
- TAUNAY AE. 1944. **Assuntos de três séculos coloniais (1598-1790)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- VANIN G. 1977. **Crendices, superstições e estórias da terra Curimbatá**. Pirassununga: Editora Pirassununga.
- VIANA HC. 1969. As “aparadeiras”, as “sendeironas” e seu folclore. **Rev. Arq. Munic.** 179: 55-88.